

ENTRE OS ENREDOS E TRAMAS DO SABER ESCOLAR E AS TESSITURAS DAS REDES DIGITAIS: RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA, EDUCANDO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Kaline Ferreira Costa (UEPB)¹

Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB)²

Jadson Pereira Vieira (UEPB)³

O conflito/confronto entre culturas, sobretudo no campo religioso, é significativo à pesquisa histórica, no sentido de identificar como os sujeitos históricos se posicionam frente às questões do sagrado, sobretudo, como esta pode ser notabilizada a partir da interface com a escola, enredando as tramas e fios que elaboram olhares sobre a História. Assim, diante das discussões no âmbito da História Cultural, juntamente com as novas perspectivas educacionais, não há como negligenciar a importância e a necessidade de um ensino voltado para o conhecimento e afirmação das culturas africana e afro-brasileira. O presente artigo debate acerca da relação entre religiosidade afro-brasileira e educação. Este estudo faz parte de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC) articulado ao projeto PROPESQ/UEPB, cujo foco de análise encontra-se centrado nas culturas africanas e afro-brasileiras na contextura da educação. Neste estudo, nossas análises têm como aporte as questões em torno da religiosidade articuladas ao modo de educar e às redes sociais, notabilizando as discussões em torno das representações construídas pelos alunos/as de uma escola pública da rede estadual de ensino sobre este viés religioso, observando como estes, em seus saberes cotidianos, consubstanciam a religião de matriz africana na escola e como, no contexto das redes sociais, sobretudo em comunidades de Orkut a religiosidade afro-brasileira é descortinada.

Palavras-chave: Religiosidade afro-brasileira. Relações Étnico-Raciais. Educação.

¹ Graduanda em História. Pesquisadora PIBIC/CNPQ. E-mail: kferreira@gmail.com

² Professora de História. Doutora em Educação. PROPESQ/UEPB. E-mail: cristina-aragao21@hotmail.com

³ Graduando em História. PROPESQ/UEPB. E-mail: jadsonpv@gmail.com

A problemática da cultura afro-brasileira sob a perspectiva da educação

Das grandes navegações até a era das tecnologias digitais, observou-se que desde a chegada dos europeus na América muitas transformações ocorreram, no entanto em meio há tantas rupturas, ainda percebemos continuidades e permanências da História, no que se refere as construções elaboradas sobre a África e a cultura dos afro-brasileiros. Tratando especificamente do Brasil, o que podemos dizer acerca do encontro entre europeus, nativos e, mais tarde, africanos? Quais os maiores impactos causados pelo contato entre esses três povos? Quais os resultados?

De um modo geral, já se conhece bem os interesses europeus em terras brasileiras, assim como também se sabe o que ocorreu com nativos e africanos por causa de tais interesses. Tudo isso se estuda na escola, mas deixa-se de fora aquilo que começou justamente no início dessa história de “descobrimento”, passou por inúmeras tentativas de legitimação, se implantou na sociedade causando grandes prejuízos em todos os sentidos, e hoje está aí presente, corriqueiramente disfarçado de normalidade, perpetuando um estereótipo a muito construído e há pouco tempo derrubado pelas pesquisas científicas: a questão da cultura, aqui mais especificamente a cultura afro-brasileira, lindamente traduzida em sua religiosidade.

Trabalhar com esse assunto nas escolas é algo muito complicado. Falta uma postura reflexiva por parte dos professores, incentivo da escola, estrutura adequada oferecida pelo governo, apoio da comunidade em geral e milhares de outros motivos. Nesse sentido, a não problematização da cultura africana e afro-brasileira em sala de aula culmina no desinteresse da maior parte dos estudantes, o que provoca por sua vez, no desconhecimento da temática acabando por acarretar a conservação de idéias estigmatizadas que foram criadas há muito tempo atrás, sendo um verdadeiro efeito dominó.

Leis e regulamentações não faltam quando o assunto é a discussão sobre a África no ambiente escolar, veja-se o exemplo da Lei 10.639/03, mas na prática o desenrolar desse processo se dá de modo bastante contrário às perspectivas democráticas de ensino.

Alguns estudiosos em suas pesquisas já apontaram na falta de cumprimento da legislação em vigor, uma vez que muitas pesquisas, entre as quais esta que está em andamento tem percebido a falta de comprometimento em muitas escolas com tal temática, revelando deste modo, um grave problema, a ausência de discussões com docentes e todo corpo da escola em relação à importância da discussão que a lei vislumbra e também o preconceito que ainda é presente na nossa sociedade, o que torna nítido e ao mesmo tempo camuflado, pois, está presente em quase todos os ambientes, mas se dá de forma tão sutil que já se apresenta como algo naturalizado. Acreditamos, portanto, que o preconceito e a discriminação, faz parte do dia-a-dia, que estando arraigados em nossos fazeres.

É o que ocorre com as religiosidades de matriz africana, que muitas vezes são vistas com sinônimo negativo. Estas práticas são muitas vezes excluídas dos debates educacionais fazendo com que se tornem estranhas à sociedade em geral. Daí entra em cena o papel da escola como difusora do conhecimento crítico, democrático, inclusivo e, acima de tudo, comprometida com os Direitos Humanos. É preciso, então, educar para as relações étnico-raciais.

É imprescindível trabalharmos criticamente para reformularmos os conteúdos didáticos, assim como as práticas pedagógicas, de modo a eliminarmos o véu do preconceito, da discriminação, da marginalização e da criminalização imposta ao africano e ao afro-brasileiro. Isso dá-se, sobretudo, pelo desconhecimento, pelo silêncio, pela invisibilidade e pelo rebaixamento das diferentes estruturas sociocultural e políticas, formais e informais. (Orientações curriculares, 2008, p. 26-27)

Desenvolvendo atividades em conjunto, a escola pode sim reescrever essa história de forma democrática, trazendo para o cotidiano escolar as vozes caladas há tanto tempo, o som das vozes de TODA a população brasileira, dos negros que até hoje sofrem com o peso da discriminação, dos antepassados africanos que foram escravizados, dos que nada tinham e dos que eram reis e rainhas em suas terras.

Entrar em contato com outros povos, outras culturas, estilos de vida diferentes torna-se cada vez mais frequente, graças (também) as redes digitais, as quais possibilitam “navegar” pelo mundo sem sair do lugar. Esse meio torna-se um caminho bastante eficaz na caminhada pela afirmação da religiosidade africana e afro-brasileira, uma vez que possibilita o encontro dos mais diversos significados sobre esse tema,

principalmente nas redes sociais, onde pessoas do mundo inteiro podem se comunicar de forma lúdica e instantânea, demonstrando seus costumes e culturas diversas.

Nessa perspectiva, cabe ao educador utilizar esse meio da melhor forma possível, qual seja, sob o véis da alteridade, até porque essas redes sociais, tão utilizadas pelos estudantes, permitem-nos detectar as singularidades de pensamentos que vagam ao redor da presente temática. Precisa-se então de preparo e reflexão por parte da escola para acoplar mais essa metodologia ao saber escolar. Como cita LEVY (1999)

Qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber. [...] pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira. LEVY, 1999, P.157.

A importância da preparação do professor para lidar com esse tipo de metodologia é indiscutível, portanto, formação continuada e postura reflexiva são os pilares para o bom uso das tecnologias digitais em sala de aula.

Para entender a grande importância da utilização de redes digitais como metodologia na sala de aula, basta perceber que é um modo de fazer o estudante estudar por meio daquilo que ele está habituado, ou seja, a disciplina História é tida pelo corpo discente como algo sem sentido, por tratar de coisas passadas e mortas, mas, fazendo-os raciocinar sobre as peculiaridades de nosso tempo, traçando sempre uma ponte com o passado, podemos fazê-los entender tais relações, seus significados e sua importância. E nada mais atraente para eles, atualmente, do que a tecnologia, mais especificamente as redes sociais, para situá-los entre o passado “indiferente” e seu presente dinâmico, isto é, a História.

Tratando da questão dos fundamentos e métodos no ensino de História, BITTENCOURT (2004) afirma que:

[...] os atuais métodos de ensino têm de se articular às novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações, pertencentes à “cultura das mídias”. Transformações tecnológicas têm afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento, e tal constatação interfere em qualquer proposta de mudança dos métodos de ensino. (BITTENCOURT, 2004, p. 107)

Temos então em mente a importância de se estudar a religiosidade africana e afro-brasileira, assim como a necessidade de incorporar as tecnologias no processo educacional, isso visando um ensino crítico e democrático. É nesse contexto que o presente artigo trás algumas considerações acerca desses procedimentos em sala de aula, por meio de análises das atividades desenvolvidas pelo projeto *A Religião Afro-brasileira nos saberes e práticas da escola e nas tessituras das redes digitais*, o qual consiste em pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) e está articulado ao projeto PROPESQ/UEPB.

Um panorama da situação educacional em relação à diversidade

No supra mencionado projeto, fizemos inicialmente uma pesquisa bibliográfica em torno da temática estudada, com interesse nas bibliografias sobre educação, cultura em geral, cultura afro-brasileira, religiosidade afro-brasileira e redes digitais, partindo posteriormente para a coleta de dados (aplicação dos questionários) e a análise destes. Deste modo, a metodologia utilizada é a quanti-qualitativa.

Tal pesquisa, em andamento, está sendo realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Solon de Lucena, em Campina Grande-PB. A pesquisa foi realizada em duas turmas de ensino médio: uma turma do 1º ano e uma turma do 3º ano do turno da tarde. A ação realizada consistiu na aplicação de um questionário onde os estudantes respondiam perguntas abertas a respeito da religiosidade afro-brasileira, tais perguntas versavam sobre questões onde pudéssemos captar seus entendimentos e opiniões acerca da temática analisada.

Análise da turma do 3º ano

Durante a aplicação do questionário na turma do 3º ano diversos estudantes se mostraram interessados sobre o assunto acerca da religiosidade afro-brasileira, fazendo várias perguntas e procurando se envolver com o assunto. Por outro lado, alguns se mostraram relutantes, provocando um possível debate sobre a importância de tal tema.

A turma avaliada foi composta de jovens na faixa etária entre 15 e 19 anos e sendo em sua maioria do sexo masculino. Na breve conversa travada na sala de aula, um pequeno grupo desses estudantes mostraram-se bastante críticos e, na maioria dos casos, preocupados com a postura intolerante que está sendo disseminada em relação as opções religiosas, preocupação esta que foi mais recorrente entre as meninas. Os demais estudantes se posicionaram entre aqueles que demonstraram total aversão pelo tema e os que não se manifestaram.

No que diz respeito às respostas dos questionários a religião afro, detectamos grande desconhecimento por parte dos estudantes sobre a história dos cultos afro-brasileiros, sua importância e como ela está intrínseca no nosso dia-a-dia, uma vez que boa parte da turma respondeu não ter conhecimento dos diversos ramos religiosos de matriz africana nem conhecer ninguém que participe deles.

O fato de a maioria da turma ser composta de protestantes pode ter influenciado nessa visão negativa, uma vez que foram os responsáveis por respostas mais radicais, como as que afirmaram serem os cultos afro-brasileiros rituais satânicos e distantes da verdade, precisando “encontrar Deus para se salvarem” (L. A. 2012), dentre outros exemplos de intolerância religiosa e desconhecimento sobre o assunto.

Outro ponto muito importante a ser destacado é o fato de ainda não se debater esse assunto como se deveria. Apesar da obrigatoriedade do ensino de História da África devido a Lei 10. 639/03, a escola continua a negligenciar a cultura afro-brasileira, resultando no fato de quase todos os estudantes avaliados não terem nem ao menos o conhecimento dessa lei.

Análise da turma do 1º ano

Na turma do 1º ano pôde-se notar, a princípio, que a maioria ainda conserva os velhos preconceitos contra os cultos afro-brasileiros, demonstrando concomitantemente uma falta de conhecimento gritante, embora muitos tenham se mostrado abertos a tal aprendizagem, por terem necessidade de conhecer mais o assunto.

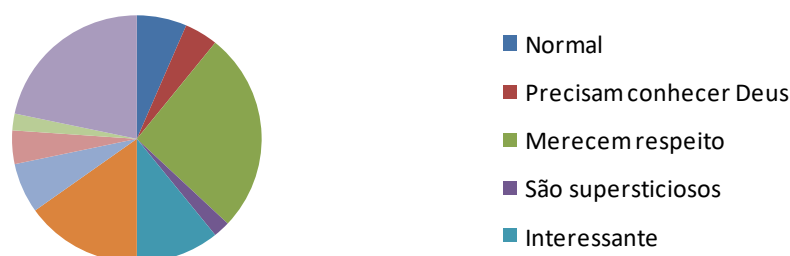
Em relação à auto-identificação, temos adolescentes entre 14 e 17 anos, em sua maioria residindo na cidade de Campina Grande e demais em Lagoa Seca, notamos também uma sala de aula onde a maioria de denomina de cor branca, além de predominância do sexo feminino.

De um modo geral, a turma se divide entre católicos, protestantes e aqueles que afirmaram não ter religião, e seguindo esse raciocínio, tivemos uma média de respostas onde a grande maioria alegou nunca ter sofrido preconceito devido sua religião, porém, foram quase unânimes ao concluírem que, no que diz respeito às religiosidades de matriz africana, essas sim sofrem preconceitos, com motivos variando entre questões de falta de conhecimento, intolerância religiosa ou por esses serem cultos satânicos.

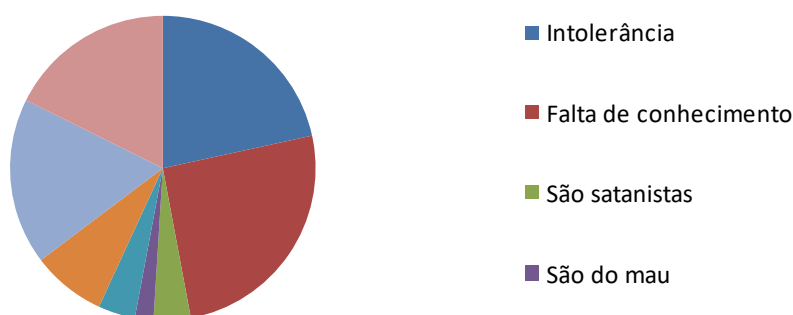
Quando perguntados sobre o que acham das religiosidades afro-brasileiras, grande parte respondeu que, apesar de não participarem, acham interessantes e buscam respeitá-las. Essas respostas apontam para uma questão importante: quase todos acreditam que o preconceito está latente contra a cultura afro, além disso, também acreditam ser a falta de conhecimento a maior causa disso, portanto, chega-se a uma conclusão de que, neste caso especificamente, a maioria dos estudantes “depositam” a prática do preconceito no outro, ou seja, entendem que o preconceito parte de outras pessoas, e não deles próprios, embora o questionário tenha mostrado, mesmo implicitamente, que até mesmo os que disseram respeitar também afirmaram que não participariam.

Os gráficos abaixo demonstram explicitamente esse tipo de atitude:

O que acham das religiões afro-brasileiras



Possíveis motivos do preconceito



*De todos os estudantes que responderam apenas um disse não haver preconceito contra a religiosidade afro-brasileira (2012)

Isso pode demonstrar vários entendimentos: inicialmente, que os estudantes podem ter sentido vergonha de dizer que acham interessante a religiosidade afro-brasileira; como também podem ter sentido medo de afirmar isso e sofrer preconceitos, e deste modo optaram por afirmar o contrário para não se sentirem constrangidos, ou então simplesmente não se sentirem realmente atraídos por essa cultura. O fato é que poucos responderam que realmente não gostam dos cultos afros e que eles não merecem atenção, por estarem em “desconformidade com a doutrina cristã”.

Por fim, mais uma vez pudemos detectar o quanto a cultura africana ainda não faz parte das discussões vivenciadas nesta instituição de ensino que pesquisamos, pois apenas um estudante afirmou ter conhecimento da Lei 10. 639/ 03, e novamente encontramos a falta de debate sobre tal assunto como um dos possíveis causadores da proliferação da discriminação em relação a este tema, pois encontramos muitas

respostas onde a religiosidade afro-brasileira ainda é percebida como um culto satânico e maligno, ou seja, a falta de conhecimento, aspecto também muito apontado pelos próprios estudantes, vem a ser um dos grandes causadores do preconceito.

A imagem da educação refletida no espelho da cultura afro-brasileira

As pesquisas acerca da cultura afro-brasileira no ensino de História não são raras, e grande parte destas apontam a religiosidade de origem africana como uma das questões mais caras ao ensino dentro desse tema, revelando o grau de dificuldade em lidar com tal assunto por parte das escolas e, concomitantemente, o nível elevado de intolerância com o que não é consagrado como oficial. Diante disso, deparamo-nos com a necessidade urgente de promover um conhecimento democrático, crítico e reflexivo para os estudantes, impedindo que teorias discriminatórias sejam disseminadas desenfreadamente em meio aos processos que deveriam ser educativos.

Nesta pesquisa, o contexto da religiosidade afro-brasileira foi trazido para o âmbito da sala de aula como referência para os mais diversos saberes e práticas cotidianas, buscando assim compreender como se dá (e se há) o conhecimento dos estudantes acerca dessa temática, além de fazer reflexões sobre questões como interesse crítico e alteridade. As redes digitais entram aqui como fio condutor para tal objetivo, sendo utilizadas para demonstrar como a religião afro-brasileira é retratada nesses meios e como esse assunto deve ser tratado em consonância dentro e fora dos muros escolares.

Observando as respostas dadas pelas duas turmas no questionário, no que se refere à importância da existência de redes sociais como blogs que tratem acerca dos cultos de matriz africana, mesmo tendo havido uma parte significativa de respostas afirmando que isso não é importante, não tem necessidade alguma e por isso não devem existir, o fato é que a grande maioria se mostrou receptiva a esse tipo de difusão de conhecimento, alegando que, por se tratar de cultura, deve sim haver espaços de divulgação. As respostas mais enfáticas nesse sentido foram as que apontaram para a necessidade de conhecimento do tema e a importância de se respeitar as diversas formas de cultura.

Observando essas singularidades presentes em suas respostas, não há como não se lembrar do que fala CHARTIER (2002) sobre as representações:

As estruturas do mundo social não são um dado objectivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objecto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo-o ou dele se desviado. CHARTIER, 2002, p.27.

As posturas racistas, discriminatórias e excludentes tratam-se, dessa forma, de representações sociais, e é justamente isso que deve ser trabalhado nas instituições escolares, a problematização desse discurso que inferioriza pessoas e suas práticas.

Tendo como principal objetivo mapear qual o lugar ocupado por essa religiosidade no ensino médio de uma escola pública, buscou-se aqui detectar os sinais deixados pelos jovens nas redes digitais para assim analisar e discutir a relação entre educação e ensino de História no contexto dos cultos afro-descendentes, contribuindo assim para a reflexão do que vem a ser um ensino democrático e de qualidade.

Observações acerca da influência das redes sociais na educação para as relações étnico-raciais

O fato de as redes sociais serem ferramentas que estão quase sempre presentes entre os jovens, e que a transmissão de informações não é o único objetivo das escolas, (formação intelectual, mercado de trabalho e convívio social são outros aspectos importantes), faz com que cresça a necessidade de a escola trabalhar em consonância com a dinâmica social, buscando sempre atrelar aquilo que chama a atenção de seu público ao processo de aprendizagem, e neste sentido, redes sociais e ensino devem caminhar juntos em prol de uma maior produção de conhecimento, buscando então

traçar caminhos para um aprendizado consciente e crítico que possibilite a abertura para reflexões acerca da cultura, neste caso, afro-brasileira.

Deparamo-nos atualmente com um desenvolvimento tecnológico caminhando ao lado de uma imaturidade política e social, e o modelo escolar, então, necessita de novos aperfeiçoamentos e até objetivos para promover reflexão, pensamento, formação ampla, aberta, questionadora e reflexiva, uma vez que a segmentação do saber e a escola como espaço isolado impedem o desenvolvimento de práticas sociais voltadas ao conhecimento e, conseqüentemente, ao respeito de culturas que fazem parte de nossa formação e, no entanto, não são vistas dessa maneira.

O mundo religioso afro-brasileiro pode ser problematizado por meio das redes sociais em conjunto com a escola, fazendo com que conceitos de ordem democrática sejam formulados e postos em seus devidos lugares, contribuindo, dessa maneira, para a promoção da alteridade entre as culturas. Com isso a escola faz o seu papel ao discutir elementos do conhecimento que estão presentes de forma fragmentada e sem orientação cognitiva fora de seus muros, promovendo o debate e o conhecimento que gera respeito social.

Referências Bibliográficas:

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004;

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Portugal: DIFEL, 2002;

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999;

Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio / Secretaria municipal de educação - São Paulo: SME / DOT, 2008.